

O TEMA NA NARRATIVA FICCIONAL – UMA ABORDAGEM COGNITIVISTA

Mariângela Spotti Lopes Fujita
Doutora em Ciência da Comunicação Livre-Docente em Análise documentária e Linguagens Documentárias Alfabéticas, professora do Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP – Marília).
goldstar@flash.tv.br

João Batista Ernesto de Moraes
Doutor em Letras, professor do Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP – Marília).
prof.joao@gmail.com

Igor A. D. Pedrini
Mestrando em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP – Marília). ia.pedrine@uol.com.br

Resumo: A indexação de narrativas ficcionais é complexa por causa das inúmeras interpretações realizadas por diversos indexadores sobre um mesmo texto. A presente pesquisa tem o objetivo de encontrar, a partir da abordagem cognitiva, um ponto comum na relação texto/leitor. Para tanto, foi aplicado o protocolo verbal como método de investigação entre dois leitores proficientes. A realização da tarefa foi encontrar o tema em um texto narrativo ficcional. O resultado evidenciou que o conhecimento prévio sobre a estilística do autor propicia o encontro de um tema em comum entre os leitores profissionais.

Palavras-chave: Indexação; narrativa; protocolo verbal; leitor profissional

Abstract: The indexing of fictional narrative is complex because of the countless interpretation realized by many indexing about the same text. The present research has the objective of finding, starting by the cognitive approach, an usual point in relation text/reader. However, it was applied the verbal protocol like method of investigation between two proficient reader. The realization of the work was to find the topic in a text narrative fictional. The result evidenced that the previous knowledge about the author's stylistic propitiate the meeting of a theme in common between the professional reader.

Keywords: indexing; narrative; verbal protocol; professional reader

1 INTRODUÇÃO

Um dos desafios na indexação em textos narrativos ficcionais é o produto final que, diferente ao texto científico, tem perda de significação se compararmos os resultados de um mesmo texto realizado por vários indexadores.

O presente estudo partiu da abordagem cognitivista em relação aos textos narrativos ficcionais. Assim, o método utilizado foi a aplicação do protocolo verbal.

Com objetivo de esboçar alguns aspectos em comum na relação texto/leitor nas narrativas ficcionais, a presente pesquisa partiu da abordagem cognitiva para entender a realização de uma tarefa (encontrar o tema de uma narrativa ficcional) executada por leitores proficientes.

2 O TEMA NA NARRATIVA FICCIONAL

Narrativa é definida pela transformação de situações, de estado, mediada por personagens explícitos ou implícitos no documento.

“O que define o componente narrativo do texto é a mudança de situação, a transformação. Narrativa, é, pois, uma mudança de estado operada pela ação de uma personagem. Mesmo que essa personagem não apareça no texto, está logicamente implícita”. (FIORIN:PLATÃO,1997, p. 227)

Por essas características, os elementos narrativos podem aparecer em qualquer tipo de documento desde que apresente mudanças de situação.

Contudo, a concepção temática da narrativa está intrínseca ao encadeamento concreto/figurativo e abstrato/temático que vão formar o percurso gerativo.

“Tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são constituídos pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente”. (BARROS, 2003, pág 68)

Entretanto, ao partir de uma perspectiva interacional do texto/leitor, temos a tematicidade como o **“termo *aboutness*, originário da língua inglesa (...) pode significar ‘do que trata um texto’ em português”.** (FUJITA, 2004)

Ainda pela perspectiva interacionista, é possível observar que a tematicidade bifurca-se em *aboutness* e *meanings*. A distinção entre as duas categorias pode ser entendida:

“... *aboutness* é o conteúdo intrínseco do documento, que independe do uso temporal que um indivíduo possa fazer do mesmo em análise e que o faz possuir uma tematicidade relativamente permanente e um número variável de *meanings* (significados), podendo ser medido de acordo com o uso particular do documento tendo em vista o usuário”.(FUJITA apud BEGTHOL, 2004).

Portanto, a partir do conceito de “*aboutness*”, isto é, a permanência temática atemporal no texto, foi definida como tarefa para aplicação do protocolo verbal à busca pelo tema em uma crônica narrativa ficcional.

3 OBJETIVOS DA APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL

3.1 Objetivo Geral

Conhecer as estratégias de leitura na análise documentária de uma crônica ficcional com elementos narrativos.

3.2 Objetivos específicos

Comparar as estratégias de leitura entre dois leitores profissionais;

Explicitar o procedimento de identificação temática em um texto narrativo ficcional;
Identificar os elementos da superestrutura textual articulados durante o processo de leitura profissional do objeto.

4 PROCEDIMENTOS ANTERIORES À APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL

4.1 Seleção do texto base

O texto base para aplicação do protocolo verbal é a crônica “Estragou a Televisão!!!” (ANEXO 1), de Luis Fernando Veríssimo.

É relevante registrar que antes da aplicação do protocolo-verbal, os leitores profissionais foram indagados quanto à leitura anterior do texto-base. Dessa maneira, foi assegurado que nenhum leitor conhecesse o texto antes da aplicação do método.

4.2 Seleção dos sujeitos

O critério de seleção dos sujeitos baseou-se nos objetivos, tipo do texto/objeto e a tarefa a ser desempenhada pelo leitor profissional. Fundamentado em Fujita (2004):

“Ainda que todo trabalho profissional solicite a leitura, seja para capacitação ou atualização, existem atuações profissionais exercidas somente pela leitura, como por exemplo, a atuação de um tradutor, de um escritor, de um pesquisador, de um crítico literário, de um indexador, de um resumidor ou de um classificador”.

A preferência pelo jornalista remete-se a hipótese de que ele tenha um conhecimento prévio do objeto de pesquisa de forma pragmática. Assim, ele é um leitor profissional quando lê um jornal, por exemplo, procurando um tema para escrever um artigo ou crônica.

Por conseguinte, o professor universitário, tem o conhecimento prévio teórico acerca do texto/objeto, assumindo seu papel como leitor profissional ao buscar numa crônica narrativa ficcional embasamento, por exemplo, para uma aula sobre a temática crônica.

4.3 Perfil dos sujeitos

O recrutamento dos sujeitos, doravante chamados jornalista e professor, baseou-se nos critérios supracitados, portanto temos os seguintes perfis profissionais:

Jornalista: graduado em jornalismo, mestre em ciências da religião e doutorando em história, escreve crônicas semanalmente há oito anos. Além disso, é jornalista responsável por jornais institucionais.

Professor: com formação em filosofia, mestrado e doutorando-se em letras, atua como professor em instituições de ensino superior na área de letras e publicidade e propaganda.

5 PROCEDIMENTOS APÓS APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL

Após aplicação do protocolo verbal não fora necessário a realização da entrevista retrospectiva. A não aplicabilidade desse recurso se referendou no fato de que, durante o desenvolvimento da tarefa, não foram apresentados pontos obscuros pelo sujeito, como pausas demoradas, por exemplo.

6 PARÂMETROS DE ANÁLISE

Para analisar as informações coletadas são enunciados os parâmetros superestruturais. As narrações apresentam características estruturais fundamentais. Entre elas foram selecionadas ações das personagens, dificuldade e solução¹.

“La primera característica fundamental del texto narrativo consiste en que este texto se refiere ante todo a acciones de personas de manera que la descripciones de circunstancias, objetos u otros sucesos quedan claramente subordinadas.” (VAN DIJK, 1992, p. 154)

Outro elemento encontrado na superestrutura narrativa é a dificuldade e a solução. Articulados de forma pragmática no conjunto textual representam a interação das personagens entre si e/ou entre objetos e circunstâncias inculcada na narração. Dessa maneira são definidos:

“... un texto narrativo debe poseer como referentes como mínimo un suceso o una acción que cumplan con el criterio del interés. Si se convencionaliza este criterio, se obtiene una primera categoría de superestructura para los textos narrativos, la COMPLICACIÓN”. (VAN DIJK, 1992, p. 154)

A dificuldade apresenta um fato, uma ação, que por sua própria característica ativa, remeterá à necessidade de uma reação. Portanto, solução é: “en términos generales, esta reacción a menudo podría ostentar el carácter de una ‘dilución’, de la complicación. Por eso, la categoría narrativa tradicional correspondiente es la RESOLUCIÓN.” (VAN DIJK, 1992, p. 155)

Com a categoria dificuldade/solução, a análise identificará os elementos macroestruturais que o leitor profissional utilizará na descoberta do tema na narrativa ficcional (VER ANEXO 1).

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

7.1 Análise a partir da dificuldade/solução

QUADRO COMPARATIVO A – DIFICULDADE/SOLUÇÃO 1

Jornalista	Professor
(...) -- Vamos ter que o quê?] Realmente né , a gente percebe, que a televisão está sempre na sala das casas, passa sempre ser o centro de atenção. (...)	[Estragou a televisão!!! Luís Fernando Veríssimo] Primeira coisa que me ocorre é que vai ser divertido. (...)

O jornalista, na dificuldade/solução 1, tem acionado o seu conhecimento prévio sobre o hábito costumeiro da televisão como centro das atenções nas residências. Este conhecimento o permite se identificar com o texto, subjetivando dessa forma o possível tema.

Todavia, o professor expressa a característica humorística que o texto poderá assumir.

QUADRO COMPARATIVO B – DIFICULDADE/SOLUÇÃO 2

Jornalista	Professor
(...) -- Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem.] <i>Bom, talvez sim, talvez não, depende sempre de quem ta aqui, aqui na telinha, né? Acho</i>	(...) -- Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem.] Então já dá para perceber que há/ que tem mesmo uma brincadeira, que é com relação

<i>que a telinha tem um poder mágico de sedução, dependendo do que ta passando na, na tevê (...)</i>	<i>ao falar, como que se falar fosse uma bobagem, mas como é outro que ta falando então não teria tanto problema. Só que depois vem falar que NÓS VAMOS IMPROVISAR NOSSA PRÓPRIA BOBAGEM, a nossa própria conversa.</i>
--	---

Na dificuldade/solução 2, os leitores profissionais tentam confirmar a hipótese sobre o tema desenvolvido pela dificuldade/solução 1. O jornalista mantém o seu foco de leitura na mídia televisiva e seus impactos nos lares, enquanto o professor remete-se ao estilo humorístico do texto.

QUADRO COMPARATIVO C – DIFICULDADE/SOLUÇÃO 3

Não houve manifestação dos leitores no quadro comparativo C, apenas a vocalização do texto.

QUADRO COMPARATIVO D – DIFICULDADE/SOLUÇÃO 4

Jornalista	Professor
-- Desde quando?	(...)
-- Desde o batismo.]	-- Como, não é não?
<i>É, existe essa confusão também com nomes, com palavras, tantas outras coisas. (...)</i>	-- Meu nome é Valdusa.]
<i>(...) É, tenho percebido que pelo menos, o pouco que li sobre o Veríssimo, é próprio dele também essa confusão generalizada. Que em princípio, né? Na realidade ele ta sempre querendo passar alguma coisa pro leitor. Eu entendo que o Luiz, Luiz Fernando Veríssimo sempre deixa que o leitor interprete do jeito que achar melhor o que ele escreve. Acho que aí ta a mágica do texto, né? Você deixar que o leitor entenda da melhor forma possível. Então o Luiz</i>	((RI)) É mais do que um ruído de comunicação. É como os interlocutores não estivessem falando com eles mesmos. (...) [-- Eu nunca usei bigode! -- Você é que está querendo me enlouquecer, Eduardo. -- Calma. Vamos com calma.]
	<i>Até que aqui, estou achando que é uma metáfora dos problemas de comunicação que acontecem nas pessoas Nas relações</i>

<p><i>Fernando Veríssimo usa muito, muitos nomes, muito / até jargões, ele escreve muito nessa forma de conversação, também. A impressão que passa é que o leitor faz parte do texto dele. Então um autor bastante refinado.</i></p> <p>[-- Eu nunca conheci nenhuma Valdusa. Como é que eu posso estar casado com uma mulher que eu nunca... Espera. Valdusa. Não era a mulher do, do... Um de bigode...]</p> <p><i>Dá impressão qui isso é uma conversa por telefone, né. Você não sabe direito quem ta conversando, né? E você fica imaginando quem é que ta do lado de lá. E muitas vezes acho que acontece também entre a gente e a televisão, né? (...) Pelo menos até o momento a impressão que eu tenho é que o Luiz Fernando Veríssimo ta querendo envolver o leitor numa tremenda duma confusão aqui.</i></p> <p>(...)</p> <p>-- Maria Ester. Claro. Agora me lembrei. E o nome do marido dela era... Jesus!</p> <p>-- O marido se chamava Jesus?]</p> <p>{Virou a página, porém não explicitou a leitura, fechando o texto finalizou:}</p> <p><i>Bom até então aqui, eu to, pelo que eu to tentando entender. Ele saiu de um tema que era televisão e entrou num outro contexto aqui, marido e mulher, mulher e marido, sei lá o que. / Onde ta uma confusão generalizada aqui com relação a</i></p>	<p><i>entre as pessoas/Relações de todos tipos.</i></p> <p>(...)</p> <p>-- A única vizinha de que eu me lembro é a tal de Valdusa.]</p> <p>Confusão de pessoas aí.</p> <p>[-- Maria Ester. Claro. Agora me lembrei. E o nome do marido dela era... Jesus!</p> <p>-- O marido se chamava Jesus?</p> <p>{virou a página}</p> <p>-- Não. O marido se chamava Geraldo.</p> <p>-- Geraldo...</p> <p>-- É.</p> <p>-- Era eu. Ainda sou eu.</p> <p>-- Parece...]</p>
---	---

<p><i>interpretação de cada um dos lados. É pelo que tenho já conheço muito das Crônicas do Luiz Fernando Veríssimo né? Pra mim, ele tem esse objetivo né? Semear uma confusão generalizada pro leitor. É, digamos que é um autor muito interessante, justamente porque ele trabalha com esse jogo de palavras. Minha experiência, minha praia seria televisão e confusão de casal.</i></p>	
---	--

A dificuldade/solução 4 proporciona resultados diversos. O primeiro é de que o jornalista tem subsídios suficientes para corroborar sua hipótese sobre o tema e defini-la, sendo dispensável a leitura da última parte do texto. Para tanto, ele utiliza seu conhecimento prévio sobre a estilística do autor.

Em contrapartida o professor busca na continuação da leitura a comprovação de sua hipótese sobre o tema. Será visto a seguir, que ele evidencia a realização da tarefa após o término de leitura da narrativa.

QUADRO COMPARATIVO E – DIFICULDADE/SOLUÇÃO 5

Jornalista	Professor
<p>Saltou a leitura deste trecho.</p>	<p>(...)</p> <p>-- Será que eles já se deram conta?</p> <p>-- Só se a televisão deles também quebrou.]</p> <p><i>To entendendo que é, que o texto ta abordando o problema da comunicação gerando um problema de identidade, de criação de intimidade de tudo. E é uma confusão. Tudo isso porque a televisão está no meio. E é um grande veículo. Então pra mim é isso.</i></p>

O quadro comparativo E é a sanção da narrativa. Vale lembrar que o jornalista saltou a leitura desse trecho, enquanto que o professor chega a sua conclusão sobre o tema da narrativa.

Ao comparar o resultado da tarefa realizado pelos leitores profissionais, pode ser observado que eles chegaram ao mesmo tema, porém em momentos diferentes na superestrutura narrativa.

8 APRECIÇÃO CRÍTICA

Com a comparação entre os leitores na esfera da superestrutura narrativa para a identificação do tema, a aplicação do protocolo verbal apontou os seguintes resultados:

Os leitores profissionais tinham conhecimento prévio da estilística do autor, o que os ajudou a articular os elementos estilísticos da narrativa;

A construção do tema pelo leitor na obra narrativa é constituída ao longo da macroestrutura, na dificuldade/solução;

Os leitores profissionais, ainda de áreas diferentes chegaram ao mesmo resultado.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da aplicação do protocolo verbal fora evidenciado que o leitor profissional deva ter um conhecimento prévio sobre o autor, ou seja, ele deve conhecer o seu contexto, a sua estilística. Dessa maneira, a proficiência do leitor na realização da tarefa torna-se precisa.

Dessa forma, um caminho para a formação de um método de indexação para textos narrativos ficcionais parte do conhecimento prévio do indexador sobre o autor que ele irá realizar a tarefa.

BIBLIOGRAFIA

DOMINGUES, Diana L. B. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: SP: Editora Ática, 2003.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Lições de texto: leitura e redação. 2.ed. São Paulo: SP: Ática, 1997.

FUJITA, Mariângela S. L., NARDI, Maria I. A, FAGUNDES, Silvana A. Observação da leitura documentário por meio de Protocolo Verbal. 2004.

FUJITA, Mariângela S. L. A Leitura Documentária na Perspectiva de suas Variáveis: Leitor-Texto-Contexto. Revista Data Grama Zero, 2004. Disponível em http://www.dgz.org.br/ago04/F_I_art.htm, acessado em 01/06/2005.

VAN DIJK, Teun A. La Ciencia del Texto: Un Enfoque Interdisciplinario. Ediciones Paidós, Barcelona, 1992, 2ª Reimpressão.

NOTA

1. Tradução do autor. No original *acciones de personas e complicación e resolución*.

ANEXOS

ANEXO 1: TEXTO/QUADRO DAS DIFICULDADES/SOLUÇÕES

Dificuldade/solução	Fragmento do texto
<u>Dificuldade 1</u> <u>Solução 1</u>	<u>Estragou a televisão!!!</u> Luiz Fernando Veríssimo -- Iiih... -- E agora? -- <u>Vamos ter que conversar.</u>
<u>Dificuldade 2</u> <u>Solução 2</u>	-- <u>Vamos ter que o quê?</u> -- Conversar. É quando um fala com o outro. -- Fala o quê? -- Qualquer coisa. Bobagem. -- Perder tempo com bobagem? -- E a televisão, o que é? -- Sim, mas aí é a bobagem dos outros. A gente só assiste. Um falar com o outro, assim, ao vivo... Sei não... -- <u>Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem.</u>
<u>Dificuldade 3</u> <u>Solução 3</u>	-- <u>Então começa você.</u> -- Gostei do seu cabelo assim. -- Ele está assim há meses, Eduardo. Você é que não tinha... -- <u>Geraldo.</u>
<u>Dificuldade 4</u>	-- <u>Hein?</u> -- <u>Geraldo. Meu nome não é Eduardo, é Geraldo.</u> -- Desde quando? -- Desde o batismo. -- Espera um pouquinho. O homem com quem eu casei se chamava Eduardo. -- Eu me chamo Geraldo, Maria Ester. -- Geraldo Maria Ester?! -- Não, só Geraldo. Maria Ester é o seu nome. -- Não é não. -- Como, não é não? -- Meu nome é Valdusa. -- Você enlouqueceu, Maria Ester? -- Pelo amor de Deus, Eduardo... -- Geraldo. -- Pelo amor de Deus, meu nome sempre foi Valdusa. Dusingha, você não se lembra? (...)

<p><u>Solução 4</u></p>	<p>(...)-- Tá bom. Calma. Vamos tentar ser racionais. Digamos que o seu nome seja mesmo Valdusa. Você conhece alguma Maria Ester?</p> <p>-- Deixa eu pensar. Maria Ester... Nós não tivemos uma vizinha chamada Maria Ester?</p> <p>-- A única vizinha de que eu me lembro é a tal de Valdusa.</p> <p>-- Maria Ester. Claro. Agora me lembrei. E o nome do marido dela era... Jesus!</p> <p>-- O marido se chamava Jesus?</p> <p>-- <u>Não. O marido se chamava Geraldo.</u></p> <p>-- <u>Geraldo...</u></p> <p>-- <u>É.</u></p> <p>-- <u>Era eu. Ainda sou eu.</u></p>
<p><u>Dificuldade 5</u></p> <p><u>Solução 5</u></p>	<p>-- <u>Como foi que isso aconteceu?</u></p> <p>-- As casas geminadas, lembra?</p> <p>-- A rotina de todos os dias...</p> <p>-- Marido chega em casa cansado, marido e mulher mal se olham...</p> <p>-- Um dia marido cansado erra de porta, mulher nem nota...</p> <p>-- Há quanto tempo vocês se mudaram daqui?</p> <p>-- Nós nunca nos mudamos. Você e o Eduardo é que se mudaram.</p> <p>-- Eu e o Eduardo, não. A Maria Ester e o Eduardo.</p> <p>-- É mesmo...</p> <p>-- <u>Será que eles já se deram conta?</u></p> <p>-- <u>Só se a televisão deles também quebrou</u></p>